

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº670

04 a 18 de
abril de 2024

Ano 23

R\$2

(11) 9.4101-1917

opiniaosocialista

www.opiniaosocialista.com.br

@opsocialista

Portal do PSTU

@opiniaosocialista



VICKY SAFRA
a mulher
mais rica do
Brasil com
US\$ 20,6 bilhões

RUBENS OMETTO
Bilionário do
agronegócio
US\$ 1,9 bilhões

EDUARDO SAVERIN
o homem mais
rico do Brasil
US\$ 28 bilhões

JORGE PAULO LEMANN
o terceiro mais rico com
US\$ 16,4 bilhões

RURALISTAS E BILIONÁRIOS MAIS RICOS

ENQUANTO A COMIDA DO POVO TRABALHADOR TÁ MUITO MAIS CARA

GREVE DOS SERVIDORES

Em luta contra
o ajuste fiscal do
governo Lula

Página 16

PALESTINA

Isolamento internacional
de Israel se aprofunda em
meio a genocídio

Páginas 14 e 15

MARIELLE PRESENTE!

Prisão mostra relações entre
milícias, crime organizado,
polícia e parlamento

Páginas 5 e 6

páginadois

CHARGE

CALMA PATRÃO, SÓ
FALTA TIRAR ESSA
MANCHINHA DE SANGUE.



FALOU BESTEIRA

“Os aposentados
não podem
ganhar sempre”



Luís Barroso, presidente do STF, debochando depois de aprovar um golpe contra os aposentados, derrubando a tese da Revisão da Vida Toda.

PRÉ-VENDA
30% DESCONTO
ATÉ 20/4

www.editorasundermann.com.br

PARTIDO

Galeno, o marinheiro socialista, presente!

Sua marca registrada era o trabalho com o jornal do partido, o “Opinião Socialista”.

Na manhã do dia 28, os militantes do PSTU acordaram com uma triste notícia: um dos mais abnegados seres humanos dedicados à causa da revolução socialista em nossas fileiras havia partido. João Orlando Galeno Amaral, ou simplesmente Galeno, nasceu em Luís Correia, pequena cidade portuária de Piauí, a 365 km da capital, Teresina.

Nascido no final da Segunda Guerra Mundial, o marinheiro cerrou fileiras junto ao PSTU nos anos 1990, num ato de lançamento da candidatura de Zé Maria à presidência da República, no Colégio Marista. De lá para cá, foi um dos militantes mais dedicados à causa da revolução que a regional de Belém já conheceu.

Sua marca registrada era o trabalho com o jornal do partido, o “Opinião Socialista”. Galeno não saía de casa sem ele. Era campeão recorrente de vendas do jornal. Seu compromisso “normal” era de 20 a 30 jornais e conseguia passar todos para a classe trabalhadora, principalmente para os servidores da Secretaria da Fazenda do Estado do Pará (SEFA), onde trabalhou como portuário e atuou por vários anos na oposição ao sindicato.

Nas edições especiais do “Opinião”, chegava a vender 60 jornais ou até mais. Pode-se dizer que Galeno foi um grande militante leninista, pois compreendeu profunda-



mente o significado do trabalho político com o jornal do partido, o organizador coletivo e a principal ferramenta de propaganda das ideias revolucionárias, tornando-se um dos seus principais divulgadores em nível nacional.

Com 79 anos de idade, celebrados no último 21 de março, Galeno foi um lutador incansável. Não perdia o pique para participar das lutas da classe trabalhadora, seja com a nossa bandeira em punho ou com o jornal do partido no braço. Como internacionalista, também se somava a diversas manifestações, como as em defe-

sa da causa palestina ou em solidariedade com os trabalhadores da Ucrânia contra a invasão de Putin.

Galeno conseguiu sobreviver à pandemia do Covid-19 e até a uma complicação cardíaca, que teve no último ano. Mas, no dia 28, teve um ataque fulminante que o levou quando estava dormindo. E é com a camisa vermelha de um revolucionário, a camisa com o símbolo do PSTU, que sustentava orgulhosamente em seu peito, que sempre será lembrado pelos seus amigos e camaradas.

Galeno, presente! Até o socialismo, sempre!



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

✉ **opinio@pstu.org.br**

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Tirar dinheiro e o poder dos bilionários capitalistas

A revista “Forbes” divulgou a lista dos brasileiros mais ricos do país, aqueles com patrimônio mínimo de 1 bilhão de dólares (aproximadamente R\$ 5 bilhões). São apenas 69 pessoas, cujas fortunas combinadas somam R\$ 596 bilhões. Só para se ter uma ideia do que isso significa, se esses bilionários resolvessem gastar um salário mínimo por hora, demorariam 698 anos para torrar toda essa fortuna. É um dinheiro equivalente a três vezes e meio dos gastos com o Bolsa Família, que alcança 21 milhões de famílias.

Os defensores desse sistema tentam justificar essa concentração por uma questão de “mérito”. Dizem que esses burgueses “trabalharam” muito para construir suas fortunas. Mas, será assim mesmo?

DINHEIRO ACUMULADO POR PARASITAS ATRAVÉS DA EXPLORAÇÃO E FALCATRUAS

A pessoa mais jovem da lista é brasileira, Livia Voigt, de 19 anos. Origem do seu patrimônio? Herdeira dos donos da WEG, indústria de motores e peças. Destruindo o mito da meritocracia e da justiça social promovida pelo capitalismo, é como se, em média, ela tivesse ganhado R\$ 763 mil por dia, sem fazer nada desde que nasceu. Enquanto um operário da fábrica da WEG, trabalhando pesado, ganha, em média, entre R\$ 1.900 e R\$ 2.500.

Mas seria uma exceção? Vejamos o primeiro da lista, Eduardo Saverin, com R\$ 140 bilhões, um dos criadores do Facebook. Filho e herdeiro de ricos empresários, ele estudava em Harvard, cuja mensalidade custa 50 mil dólares (cerca de R\$ 254 mil), e investiu do próprio bolso na empresa, que, hoje, lucra vendendo dados pessoais. Ou seja, no capitalismo, não basta ter uma

ideia e trabalhar duro. Para “vencer”, você precisa ter uma carteira bem recheada, além de indicações e privilégios.

Mais abaixo na lista, estão os “três porquinhos” da espoliação e exploração capitalista: Jorge Paulo Lemann (R\$ 82 bilhões), Marcel Hermann (R\$54,2 bi) e Carlos Sicupira (R\$ 44,5 bi). Os golpistas que ficaram mais ricos dilapidando as Lojas Americanas. Mas, não só. São donos de várias marcas e indústrias, como Burger King e a Kraft Heinz, e participaram da privatização da Eletrobras. Mas seu principal negócio é a Ambev, que, além de destruir a cerveja brasileira, aumentou o preço e pagam míseros salários, de R\$ 2 a R\$ 3 mil, a seus operários.

Para ter um retrato ainda mais fiel da burguesia brasileira, basta percorrer a lista da Forbes até o final. Lá estão os setores da mineração, de energia e da agropecuária, além do varejo, da saúde e todos os demais. Mas, esses exemplos já fazem saltar aos olhos o real problema do Brasil que é o domínio desses bilionários capitalistas sobre a economia, a sociedade e a política brasileira.

LULA GOVERNA COM E PARA OS BILIONÁRIOS

Longe de enfrentar estes setores, o governo Lula, na verdade, vem fazendo tudo o que eles querem. Além de garantir os lucros desses burgueses brasileiros, ainda escancara o país para o domínio das multinacionais imperialistas. Inclusive, os bilionários capitalistas brasileiros são associados à burguesia imperialista, que lidera a lista dos bilionários no mundo, com fortunas que beiram um trilhão de reais, como Elon Musk, Jeff Bezos e Zuckerberg.

É vergonhoso, por exemplo, que, diante da incapacidade da Enel em garantir o serviço de eletricidade em



E a picanha não veio...

São Paulo, o governo, ao invés de avançar para a reestatização do setor, proponha apenas “fiscalizar” melhor os serviços privados ou, no máximo, trocar de concessionária. Um detalhe importante: quem controla a Enel é uma multinacional italiana que tem como principal acionista o governo italiano, além de outros burgueses dos países imperialistas.

Um outro escândalo é a venda da Avibras para a Austrália. Uma empresa estratégica, de defesa e tecnologia, financiada pelo Estado por muitos anos e que, diante da crise pela qual passa sob administração privada, está sendo desnacionalizada. O sindicato exige a estatização da Avibras, mas o governo sequer cogita essa possibilidade. Em qualquer país do mundo, setores estratégicos não são desnacionalizados. Aqui, no Brasil, é o contrário. Todo o parque elétrico está na mão de multinacionais europeias, dos Estados Unidos ou da China.

ENFRENTAR OS BILIONÁRIOS PARA MUDAR O PAÍS

A situação de violência e caos urbano nas cidades; a falta de emprego ou salários miseráveis;

a Saúde caindo aos pedaços e a Educação sem verbas, com os professores sem piso ou salários; a falta de saneamento básico na maior parte do país são exemplos de questões que não são resolvidas pela falta de recursos públicos.

Dizem que não há dinheiro porque seguem uma política de ajuste fiscal que significa a manutenção da transferência de recursos públicos para a dívida pública. Esses mesmos bilionários não só não investem no país, como também preferem seguir lucrando, parasitando a economia nacional, num capitalismo explorador e sem riscos, baseado na remuneração exorbitante dos juros, através de títulos da dívida pública.

É preciso, ao mesmo tempo, tirar o dinheiro e poder desses bilionários capitalistas brasileiros e internacionais. Estatizar essas grandes empresas. Colocar essas empresas e riquezas sob controle dos trabalhadores e trabalhadoras, para gerar um verdadeiro desenvolvimento social e econômico que possibilite a resolução dos problemas sociais que afligem nosso povo.

Sem tirar dinheiro dos bilionários isso não é possível.

Sem enfrentá-los, isso é ilusão. O governo Lula, há muito tempo, já escolheu seu lado. Estão governando com e para este setor. A ultradireita bolsonarista mente quando diz que os problemas econômicos são por conta de um suposto “socialismo” do PT. Como fica evidente nesse governo atual e todos os outros do PT, seus governos operam em defesa do capitalismo e dos bilionários.

Apoiar as lutas e greves que estão ocorrendo na Educação federal, dentre os servidores públicos e em algumas fábricas é fundamental. Precisamos ampliar as lutas, unificá-las, convocar novos setores e fazer crescer a mobilização, para exigirmos nossas reivindicações e que, para satisfazê-las, o governo tire dos bilionários.

Mas, além da luta, precisamos de organização, de um programa e de uma alternativa política dos trabalhadores. Isso significa não apoiar o governo Lula, que é burguês e capitalista; mas, sim, construir uma alternativa socialista e revolucionária, que seja oposição de esquerda ao governo e que, também, enfrente a ultradireita.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XYPLAM](https://bit.ly/3xyplam)

MARIELLE E ANDERSON PRESENTES

Prisão de mandantes mostra relações entre milícias, crime organizado, polícia e parlamento

Ao contrário do que o ministro Lewandowski afirmou, investigações precisam avançar

DA REDAÇÃO

No último dia 24 de março, o país acordou com a imprensa anunciando a resposta exigida pelos movimentos sociais nesses últimos seis longos anos: “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” As prisões do Deputado Federal Chiquinho Brazão (União Brasil); de seu irmão, o Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (TCE) Domingos Brazão; e, o que surpreendeu muita gente, a do ex-Chefe de Polícia Civil do Rio Rivaldo Barbosa, teriam colocado um ponto final nesse crime bárbaro.

O recém-empossado Ministro da Justiça Ricardo Lewandowski, que acabara de deixar o Supremo Tribunal Federal (STF), reforçou essa ideia ao anunciar, no mesmo dia, que “os trabalhos foram dados como encerrados”. Mas será mesmo que está tudo solucionado?



Pelo que já foi divulgado pela imprensa, a partir das investigações, os irmãos Brazão teriam encomendado a execução aos matadores de aluguel e ex-PMs Ronnie Lessa e Élcio Queiroz, que, em 14 de março de 2018, cometeram o crime bárbaro que chocou o Brasil.

O motivo apontado para o crime teria sido a posição contrária da vereadora a um Projeto de Lei, encaminhado por Brazão, para regularizar áreas dominadas pela milícia na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Uma explicação insuficiente, para dizer o mínimo, já que Marielle tinha pouca atuação

na região, seu voto contrário não foi decisivo para o projeto e ela sequer discursou durante o debate da proposta.

TUDO DOMINADO

Se a participação dos irmãos Brazão no crime já era dada como certa, a surpresa ficou por conta do então Chefe da Polícia Civil Rivaldo Barbosa, nomeado no dia anterior ao crime pelo interventor do Governo Federal no estado, ninguém menos que Braga Netto, futuro ministro de Bolsonaro e vice na chapa de 2022.

Nomeação que, vale lembrar, ocorreu apesar de indicação contrária do próprio setor de inteligência da Polícia Civil. O mentor da execução de Marielle e Anderson chegou a receber uma condecoração do Exército quatro meses após o crime.

Rivaldo Barbosa não teria atuado apenas para barrar as investigações, já que o Departamento de Homicídios do Rio,

por si só, já é notoriamente corrupto e ligado às milícias e demais setores do crime organizado; mas, também, teria articulado diretamente as execuções, inclusive indicando o local para o crime, que deveria ser afastado da Câmara, para não levantar maiores suspeitas.

Essas prisões, que só ocorreram após seis anos de muita pressão e mobilização populares, ajudam a costurar algumas pontas soltas nesse crime. Expõem as relações espúrias entre a milícia, a Justiça e o Parlamento, que, ao contrário de antagônicos, atuam como uma única organização criminosa em prol da burguesia, incluindo aquela ligada ao crime organizado e à contravenção.

Mas, ainda restam muitas perguntas: Por que tanta demora na investigação? Qual o real motivo para a execução de Marielle e Anderson? Qual a ligação entre esse crime, as milícias e a família Bolsonaro?

RIO DE JANEIRO

Milícias, polícia e Estado

Mais do que uma relação promíscua, o que une o crime organizado, as forças policiais e as instituições do Estado, não só no Rio de Janeiro, é uma verdadeira simbiose; ou seja, uma relação de apoio e atuação mútuos, em que um protege o outro. Exemplo disto é o caso de Rivaldo Barbosa, o mentor do crime que “investigava” a si próprio.

A trajetória do homem que efetuou os disparos contra Marielle e Anderson, o ex-PM Ronnie Lessa, também é um exemplo dessa relação. Lessa fez parte do conhecido grupo de extermínio “Scuderie Le Cocq”, integrou o Exército e entrou na PM em 1991. Mesmo sem ter feito o curso para o Batalhão de Operações Especiais (Bope), participou de várias de suas operações.

Nos anos 2000, Lessa integrou a segurança pessoal do bicheiro Rogério de Andrade, sobrinho de Castor de Andrade. Seria, ainda, dono de um bingo clandestino, de academias, lojas de tatuagens em Rio das Pedras, além de atuar no tráfico de armas.

RELAÇÕES PROVEITOSAS E QUEIMA DE ARQUIVO

A trajetória de Lessa também se confunde com a de Adriano da Nóbrega, apontado como chefe da milícia “Escritório do Crime”. Adriano da Nóbrega também integrou o Bope, onde acabou punido por “exagerar” (até mesmo para os padrões da instituição) numa sucessão de torturas, execuções e extorsões.

Sua relação com a família Bolsonaro era tão grande que



Os irmãos Chiquinho e Domingos são integrantes da família Brazão, apontados como os mandantes do assassinato

o então Deputado Estadual Flávio Bolsonaro empregava a ex-esposa e a mãe do miliciano. Nóbrega também foi homenageado na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) por iniciativa do amigo deputado e a família Bolsonaro também atuou na defe-

sa de Nóbrega quando ele foi preso e condenado a 19 anos, por sequestro, extorsão e assassinato de um guardador de carros. Ou seja, uma relação íntima e de favores mútuos.

A morte de Adriano da Nóbrega, numa atuação conjunta das polícias militares baiana e

carioca, em fevereiro de 2020, foi uma evidente queima de arquivo. O episódio, ainda que, a princípio, possa não ter relação direta com o caso Marielle, reforça o papel e a relação da polícia com o crime organizado, para muito além das fronteiras do Rio de Janeiro.

CRIME ORGANIZADO E ESTATAL

‘Se eu falar, acabou o Rio de Janeiro’



Foto Ag. Brasil - Fernando Iggnac

O Ministro da Justiça Ricardo Lewandowski deu vários votos favoráveis ao bicheiro Rogério Andrade, acusado de matar seu concorrente

Truculência, violência e execuções sumárias, praticadas contra a classe trabalhadora e os setores mais pobres, são marcas do Estado e das forças de segurança que remontam à escravidão e a todo um histórico de racismo.

No Estado Novo de Vargas (1937-1946), houve um salto na generalização da violência

e da tortura, tanto em relação aos presos políticos como no que se refere aos presos “comuns”. Foi neste período, também, que começou uma profissionalização da corrupção na polícia carioca, com incentivos diretos e indiretos dados a empresários, donos de casas de prostituição, jogo do bicho etc.

DITADURA MILITAR E CRIME ORGANIZADO

Após o Golpe de 1964, toda essa teia deu um salto, atingindo dimensões que aprofundaram a barbárie. Todos os grandes bicheiros do Rio estiveram envolvidos com a ditadura, em apoio direto ou indireto. Usaram a ditadura para consolidar influência política e, posteriormente, contaram com os agentes da ditadura para assessorar os seus negócios.

A década de 1960-70 também foi marcada pela “profissionalização” do jogo do bicho, com a delimitação rígida de territórios e a constituição de organizações fortemente hierarquizadas. Essa mudança foi possível graças à contratação de agentes da repressão da ditadura, garantindo, por meio da violência, o que não se podia garantir pela “lei”.

A relação da contravenção com policiais matadores per-

maneceu após a redemocratização, para realizar serviços de segurança e execuções de rivais. Portanto, Ronnie Lessa e Adriano da Nóbrega não são exceção nesta relação; mas, sim, são a regra.

CRIME E PODER

Para se ter uma ideia de como os bicheiros compõem a estrutura de poder no estado, com influências que vão além das fronteiras do Rio, vale lembrar que o atual Ministro da Justiça Ricardo Lewandowski, o mesmo que correu para anunciar o fim das investigações do caso Marielle, deu vários votos favoráveis ao bicheiro Rogério Andrade, acusado de mandar assassinar seu concorrente Fernando Iggnac, com o qual disputava pontos de jogos. Primeiro, Lewandowski suspendeu o julgamento do bicheiro e, depois, votou pelo encerramento de uma ação penal contra o contraventor.

Levantamento realizado pelo jornal “Folha de S. Paulo”, em fevereiro, mostra que, nas últimas décadas, o STF e o Superior Tribunal de Justiça (STJ) concederam mais de 15 habeas corpus à cúpula do jogo do bicho do Rio.

Ainda em 2018, quando foi interrogado pelo Ministério Público do Rio e era suspeito de envolvimento na execução de Marielle e Anderson, o miliciano Orlando Curicica já havia alertado sobre a atuação do então chefe da Polícia Civil no estado.

Mais do que isso, Curicica indicou o que poderia ocorrer caso falasse tudo o que sabe: “Se eu resolver falar, acabou o Rio de Janeiro. Isso eu garanto à senhora, se eu falar o que eu sei, não existe mais o estado do Rio de Janeiro a nível de Justiça. Vai ter que reinventar a Polícia Civil, vai ter que reinventar a Polícia Militar”.

VALE TUDO?

Até alianças com milicianos que mataram Marielle e Anderson?



Chiquinho Brazão e Eduardo Paes que o nomeou secretário de assistência social.

Tão logo os irmãos Brazão foram presos, começou uma disputa nas redes sociais, com bolsonaristas exibindo fotos de Domingos Brazão apoiando Dilma à reeleição de 2014 e petistas rebatendo, lembrando que seu irmão, o deputado federal Chiquinho Brazão, apoiou Bolsonaro em 2022.

Já o vice-presidente do PT, Washington Quaquá, reafirmou seu apoio a Domingos Brazão, em uma declaração de 24 de janeiro. “Eu conheço o Brazão e sou amigo dele! Não só não acredito que ele fizesse uma brutalidade dessas, como o conheço na política e isso é coisa de gente sem capacidade políti-

ca”, declarou. Mesmo após a prisão, Quaquá não deixou de defender o amigo: “Não vou nem dizer que é inocente nem culpado, não vi ainda provas cabais”.

O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PSD), aliado de Lula, nomeou Chiquinho Brazão como chefe da Secretaria Especial de Ação Comunitária entre outubro de 2023 e fevereiro de 2024. Vale lembrar, ainda, que as suspeitas sobre os Brazão já vêm de muito antes. E mais: o mesmo Eduardo Paes provavelmente terá ninguém menos que Marcelo Freixo, agora filiado ao PT, como companheiro de chapa para a reeleição.

É o pragmatismo político que vai além da aliança com partidos da direita e da extrema direita, mas que chega até mesmo a milicianos que assassinam lideranças sociais.

ATÉ O FIM

Bolsonaro ao lado do ex-PM Elcio Queiroz que dirigiu o carro do assassino de Marielle.

É preciso continuar lutando pela investigação e punição de todos os envolvidos

Esse crime bárbaro está longe de ter sido resolvido. É preciso ir até o fim, e punir todos os responsáveis. E, como vimos, não serão a Justiça, o Parlamento, em seus diferentes níveis, ou muito menos as polícias, que irão resolver o caso. Só a pressão e a mo-

bilização populares poderão garantir justiça de fato, enfrentando as instituições e as alianças espúrias que protegem essa corja. Justiça para Marielle e Anderson!

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/4CLPOHG](https://bit.ly/4CLPOHG)

60 ANOS

Atos pelo país relembram o golpe militar de 1964



Ato em São Paulo

ROBERTO AGUIAR,
DA REDAÇÃO

Por memória, verdade e reparação às vítimas da ditadura militar instaurada com o golpe de 1964, foram realizados atos políticos em diversas cidades brasileiras, nos dias 30 e 31 de março e 1º de abril.

A militância do PSTU esteve presente nos atos. A história do partido, que tem início com a Liga Operária e a Convergência Socialista (CS), está relacionada com a luta contra a ditadura. Diversos militantes foram presos, torturados e exilados. Alguns já foram anistiados, a exemplo de Zé Maria, presidente nacional do

partido. Outros seguem na lista por reparação e justiça.

No último dia 20 de março, a Comissão de Anistia reconheceu a perseguição sofrida por José Welmovicki, o Zezoca, na condição de jornalista da revista “Versus” e militante da CS.

NÃO É COISA DO PASSADO

Os atos foram importantes para lembrar o que significou o golpe militar de 1964 e, também, para cobrar reparação. Diferente do que disse o presidente Lula (PT), isso não é coisa do passado. Ao contrário, por não ter havido uma prestação de contas severa com os golpistas do passado e seus agentes, hoje temos a realização de ações golpistas como as de 8 de janeiro de 2023.

Esse é um assunto do presente. E, Lula, ao não querer lembrar o passado, desrespeita as vítimas da ditadura militar e demonstra falta de preocupação com o futuro. Lula apli-

ca uma política de conciliação com militares e torturadores da ditadura, assim como com os golpistas do presente. Isso é inadmissível e só serve para fortalecer a extrema direita.

Enquanto o governo determinou a suspensão de eventos oficiais que lembrariam os 60 anos do golpe militar. Os clubes militares emitiram notas, chamando o golpe de “revolução” e de “movimento democrático de 1964”.

É preciso enfrentar os militares e a ultradireita com a mesma firmeza com que devemos combater essa postura conciliatória do governo Lula. Não é possível passar uma borraça nos crimes cometidos pelos militares na ditadura.

POR MEMÓRIA, VERDADE E JUSTIÇA

Por mais que queiram (militares e governo Lula), não há como esquecer o passado. E é muito importante lembrar, sem-

pre, para que não volte mais a acontecer. Por isso, é preciso seguir e fortalecer a luta por memória, verdade e justiça. Uma luta que precisa ser independente do governo, que, hoje, concilia com os militares.

É preciso cobrar do governo Lula a reparação às vítimas da ditadura, com anistia daqueles e daquelas que ainda não foram reparados. Precisamos, também, exigir a recriação da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, que foi encerrada por Bolsonaro. Já temos um ano e três meses do governo petista e a Comissão não foi reaberta.

Não podemos aceitar anistia ou conciliação com os golpistas do passado e nem do presente. Prisão de Bolsonaro e todos os golpistas, já!

O PSTU seguirá sendo parte dessa luta, que é parte da nossa história. Para que não se esqueça, para que não mais aconteça. Ditadura nunca mais!

NAS RUAS

Veja como foram os atos pelos país



São Paulo

SÃO PAULO (SP)

No dia 31/03, foi realizada a “Caminhada do Silêncio”, que saiu do antigo Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), na Rua Tutóia, em direção ao Monumento em Homenagem aos Mortos e Desaparecidos Políticos, no Parque Ibirapuera.

Já no dia 1º de abril, foi a vez do bloco “Cordão da Mentira” ocupar as ruas da capital paulista, com o tema “De golpe em golpe: Tá lá um corpo estendido no chão”. O bloco saiu em caminhada da Rua Maria Antônia, onde ocorreu a batalha entre estudan-

tes da USP e do Mackenzie, contrários e a favor da ditadura, em 1968; e encerrou no Memorial da Resistência, no bairro da Luz.

NATAL (RN)



Na capital potiguar, o ato em memória das vítimas do golpe militar de 1964 foi realizado no dia 1º de abril, na Praça Pedro Velho.

RIO DE JANEIRO (RJ)

O ato foi realizado no dia 1º de abril, em frente ao prédio do antigo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).



Rio de Janeiro

SALVADOR (BA)

No dia 1º de abril, foi realizada a “Caminhada do Silêncio”, que saiu da Praça da Piedade em direção ao Monumento dos Mortos e Desaparecidos Políticos Baianos, localizado no Campo da Pólvora.



Salvador - Bahia



Belo Horizonte - Minas Gerais

BELO HORIZONTE (MG)

Na capital mineira, o ato foi realizado no dia 1º de abril, em frente ao prédio do antigo DOPS.



Recife - Pernambuco

RECIFE (PE)

O Memorial Jonas e Ivan, localizado na Avenida Dantas

Barreto, foi o palco do protesto realizado na capital pernambucana, no dia 1º de abril.

BELÉM (PA)



Belém - Pará

O ato foi realizado no dia 31 de março, na Praça da República.

CRICIÚMA (SC)

Na cidade catarinense, o ato foi realizado no dia 30 de março, no Monumento dos Desaparecidos Políticos, localizado na Avenida Universitária.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/4CGWQJ5](https://bit.ly/4CGWQJ5)

APOSENTADOS

Governo Lula e o STF roubam dos aposentados para garantir meta fiscal

Supremo forma maioria para atacar aposentados e derrubar a tese da “Revisão da Vida Toda”



DA REDAÇÃO

Em sua busca para cumprir as metas do Arca-bouço Fiscal, o novo Teto de Gastos, para pagar juros aos banqueiros e fazer o que prometeu ao mercado (ou seja, zerar o déficit), o governo Lula não foi atrás dos privilegiados e bilionários. Mirou na parte mais vulnerável: os aposentados.

O governo atuou diretamente junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) para impor um duro ataque aos aposentados e economizar bilhões de reais. No último dia 21, o tribunal derrubou a chamada tese de “Revisão da Vida Toda”, que o próprio STF havia aprovado, em dezembro de 2023.

É uma verdadeira facada nas costas de milhares de aposentados, que contribuíram por uma vida toda, a fim de assegurar uma velhice minimamente decente e, agora, serão tungados a favor dos banqueiros.

O QUE É A “REVISÃO DA VIDA TODA”?

O governo FHC aprovou uma Reforma Previdenciária que impôs, a partir de 1999, o chamado fator previdenciário, um mecanismo para forçar a redução das aposen-

tadorias e obrigar o trabalhador a se aposentar cada vez mais tarde.

Entre os ataques, a reforma alterou os cálculos para o benefício. Ao invés dos salários e contribuições mais altos nos últimos três anos de trabalho, impunha uma média de 80% das maiores contribuições, e desconsiderava as contribuições realizadas antes de julho de 1994, quando entrou em vigor o Plano Real.

E qual o problema disso? Há muita gente que contribuiu com um valor maior antes de 1994 e que, portanto, saiu perdendo nesse novo cálculo. A questão é que, por ser uma regra de transição, a pessoa deveria ter o direito de escolher a regra que mais lhe beneficiaria.

Mas não foi isso o que aconteceu. Tanto que a própria resolução do STF, no ano passado, que garantia o direito à revisão, afirmava categoricamente que “o segurado que implementou as condições para o benefício previdenciário após a vigência da lei de 9.876/99 e antes da vigência das novas regras constitucionais, introduzidas pela EC 103/19, tem o direito de optar pela regra definitiva, caso esta seja mais favorável”.



Barroso depois do golpe nos aposentados: “aposentados não podem ganhar todas”.

GOVERNO LULA MANOBRA E CELEBRA O CONFISCO DAS APOSENTADORIAS

O mais irônico, para não dizer trágico e revoltante, foi que a decisão do STF se deu com base a duas Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADI's), apresentadas ainda em 1999, contestando vários pontos da reforma e assinadas, dentre outros partidos, pelo próprio PT. Essas ADI's ficaram mofando até começarem a ser analisadas em 2022, sob pressão do INSS, mas, mesmo assim, foram suspensas várias vezes. Até a decisão de 2023, que reconhecia o direito dos aposentados.

Acontece que, de repente, justamente quando o governo buscava aumentar a arrecadação para

garantir o cumprimento do teto, o tema foi reaberto, numa articulação para lá de ardilosa entre o atual presidente do STF, o ministro Luís Roberto Barroso, e o governo Lula, com Haddad à frente.

E a votação se deu justamente num momento em que o governo tinha assegurada a maioria, com as indicações de Lula para o STF: Cristiano Zanin e Flávio Dino, que votaram unidos contra os aposentados.

Em entrevista à CNN, o ministro Fernando Haddad comemorou a decisão, afirmando que ela reduzia as “incertezas” fiscais. Pelas contas do governo, esse ataque aos aposentados economizaria R\$ 480 bilhões dos cofres públicos, que irão para os banqueiros.

Institutos e associações de aposentados contestam esses números, afirmando que não passariam de R\$ 3 bilhões. De qualquer forma, um ataque contra cerca de 300 mil aposentados que, longe de serem ricos, muitos, inclusive, estão passando dificuldades e buscavam um direito legítimo pelo qual pagaram com seu trabalho.

Ao final da votação no STF, o ministro Luís Barroso ainda afirmou: “Os aposentados não podem ganhar sempre”. Um deboche vindo de alguém que tem a tranquilidade de receber R\$ 44 mil de salário todo mês, fora os benefícios e privilégios.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XWW3MZ](https://bit.ly/3xww3mz)

REVOLTANTE

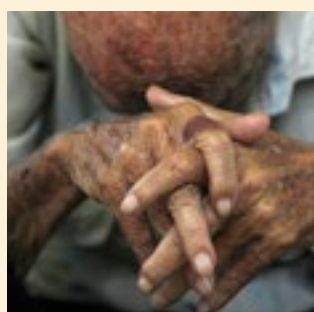


Protesto contra a reforma da previdência proposta por Lula em 2003.

Governo Lula trai, mais uma vez, os aposentados

Com essa medida perversa, o governo Lula mostra, mais uma vez, que não hesita em atacar os aposentados para garantir os lucros dos banqueiros. Faltou dinheiro? Vamos tirar dos aposentados. Fez isso logo no primeiro governo, com a Reforma da Previdência no setor público, em 2003. Repetiu a traição quando Lula vetou a derrubada do fator previdenciário, em 2010, que havia sido aprovada no Congresso Nacional, a partir de muita luta. E, agora, repete a traição.

VIDA REAL



Um exemplo desse ataque foi publicado no Portal GGN. Uma mulher, que não quis se identificar por ter sempre apoiado o PT, relata sua vida e como a decisão do STF vai deixá-la na miséria. Formada pela USP, começou a trabalhar cedo em institu-

Um exemplo da covardia

tos de pesquisas e publicidade. Guardou uma poupança, mas foi pega pelo confisco de Collor. Teve um sério problema de saúde, que limitou sua atuação e, com isso, viu seus proventos decaírem.

Em 2016, ela se aposentou por idade, 60 anos, e descobriu que todas as contribuições, pelo teto antes de 1994, pagas ao INSS foram desconsideradas no cálculo de aposentadoria. Teve de se aposentar com um benefício pouco acima do salário mínimo. Hoje, com 68 anos, passando

sérias dificuldades, ela teria direito à revisão da aposentadoria e R\$ 230 mil atrasados. Mas, com a medida do STF, patrocinada pelo governo, ela não vai receber o que tem direito e ainda terá que devolver ao INSS o que havia conquistado na Justiça. “A devolução inviabilizará a sobrevivência da minha família, será impossível a alimentação de duas pessoas, luz, gás, remédio..., com R\$ 527 que sobrarão, após o INSS retirar compulsoriamente 30% da minha aposentadoria”, escreveu.

INFLAÇÃO

A picanha não veio e o arroz e feijão estão sumindo

Preços dos alimentos em casa, que já estavam altos, dispararam ainda mais no início do ano.



DA REDAÇÃO

Em sua campanha, Lula prometeu que o povo voltaria a comer picanha. Pouco mais de um ano depois, as famílias mais pobres não só não estão comendo picanha, como estão tendo que tirar ou reduzir do prato os alimentos mais básicos, como batata, frutas, verduras, o tradicional arroz e feijão, e até mesmo os ovos, a “carne do pobre”.

Uma ida a qualquer supermercado ou feira é suficiente para constatar que comer está mais caro. Os mais diferentes indicadores mostram um salto no preço dos alimentos in natura, aquele tipo de alimento chamado “de domicílio”. Enquanto a inflação geral segue relativamente baixa, compa-



rada ao período anterior, ou até mesmo diminuiu para as famílias de renda mais alta, a inflação desses alimentos foi o dobro do índice oficial.

Levantamento da Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (Fipe) registrou uma inflação de 1,3% neste primeiro trimestre do ano, enquanto que os alimentos subiram 3%. Mas quais ali-

mentos exatamente estão puxando essa inflação?

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de fevereiro, calculado pelo IBGE, é um bom exemplo: a batata inglesa subiu 6,79%; o arroz, 3,69%; e o feijão, 5%. Verduras e hortaliças, por sua vez, subiram 2,31%. A laranja tem os maiores preços em 30 anos. O ovo de galinha, só no

mês de março, disparou 6,24%.

Essa inflação impacta muito mais as famílias mais pobres, que têm um quarto da sua renda comprometida com a alimentação. Não é por me-

nos que a disparada nos preços esteja sendo avaliada como o principal fator para o desgaste do governo Lula, demonstrado nas pesquisas de popularidade mais recentes.

INFLAÇÃO

Disparada nos alimentos

(entre janeiro e fevereiro)

Cebola

7,37%

Batata inglesa

6,79%

Frutas

3,74%

Arroz

3,69%

Leite

3,49%

Fonte: IBGE

DE QUEM É A CULPA?

O problema vai além do clima



O governo Lula, a imprensa e analistas de mercado se unificaram em torno de uma justificativa para a subida dos preços: o fenômeno “El Niño”, que provocou secas e/ou excesso de chuvas, que prejudicaram o setor.

Mas, se por um lado, é fato que o fenômeno climático provocou quebra de safras, algo que também entra na conta do grande agronegócio, que destrói o meio ambiente e agrava as mudanças climáticas; por

outro, não se trata de um problema totalmente novo ou imprevisível. Agora, eles dizem “Calma, que daqui a pouco os preços voltarão ao normal”. Mas, será isso mesmo?

A inflação dos alimentos explodiu nos últimos anos e foi um dos principais fatores que pressionaram a renda das famílias mais pobres. Em 2020, os alimentos em domicílio subiram 18,2%. Em 2021, os preços inflacionaram 8,2%, e em 2022, 13,2%. No primeiro ano de governo Lula, em 2023, a inflação dos alimentos até diminuiu, mas só 0,5%.

Mesmo que essa disparada desacelere, os preços continuarão num patamar elevado e isso não vai ser culpa apenas do clima, mas do modelo capitalista e da dominação do agronegócio, junto às grandes redes varejistas, dominadas cada vez mais por multinacionais e o capital financeiro internacional.

AGRO NÃO É POP



Agronegócio não produz alimentos

O atual modelo agrícola capitalista se estruturou em três pilares fundamentais: a produção de commodities (matérias-primas e recursos naturais voltados para exportação, e não de comida), a definição dos preços pela especulação financeira e a constituição de monopólios mundiais que controlam a produção de commodities do setor.

A alta dos preços está diretamente relacionada ao agronegócio, um modelo de agri-

cultura que privilegia muito mais a exportação, à custa de um encarecimento brutal dos alimentos e de um aumento exponencial da fome da população brasileira.

O agronegócio surgiu a partir da chamada “Revolução Verde”, um momento da história, depois da Segunda Guerra, em que houve um salto na mecanização da produção e na introdução de insumos sintéticos, agrotóxicos, sementes híbridas

SAIBA MAIS

Inflação dos alimentos no domicílio (IPCA)

2020

18,2%

2021

8,2%

2022

13,2%

2023

-0,5%

2024

3% (janeiro e fevereiro)

Fonte: IBGE

e todo um conjunto de pacotes agroquímicos de produção que permitiram o rebaixamento dos custos com mão de obra e com a terra.

Ao mesmo tempo, essas novas tecnologias tornaram o campesinato mais dependente de insumos externos e, também, apoiaram a construção de grandes complexos agroindustriais controlados por grandes capitalistas, que detêm a propriedade da terra e da indústria.

CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE COMIDA EM MERCADORIA

Tal processo permitiu o crescimento da concentração

do setor em oligopólios; ou seja, quando há poucos fornecedores de um certo produto e cada um deles possui uma parcela específica do mercado.

Por exemplo, as grandes empresas exportadoras de sementes geneticamente modificadas (transgênicas), como a Bayer, a Corteva e a Syngenta, controlam 80% deste mercado. Já as fabricantes de agrotóxicos, como Syngenta, Bayer, Basf, Corteva, a indiana UPI e a norte-americana FMC controlam 80% da comercialização do produto.

Esse processo foi acompanhado pela aplicação da cartilha neoliberal, que impôs o fim dos subsídios à agricultura camponesa familiar, a liberali-

zação dos mercados agrícolas e a substituição dos estoques governamentais pelos estoques das empresas internacionais e pelo mercado.

Estoques públicos de alimentos são fundamentais para controlar seus preços e, também, proteger os agricultores de riscos provocados por problemas climáticos que provocam a quebra da produção agrícola.

No Brasil, quem exercia esse papel era a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), mas a maioria dos seus armazéns foram fechados. Hoje, os armazéns da Conab respondem por apenas 2% da capacidade do país em estocar milho, soja, arroz, feijão. O restante fica com

Área do cultivo de soja no Brasil:



A soja domina o Brasil.

o setor privado; ou seja, os estoques servem às grandes empresas para ganhar mais dinheiro e lucrar com a especulação, e não para matar a fome do povo.

Hoje, os preços dos produtos agrícolas são definidos pelo mercado financeiro, mais espe-

cificamente pela Bolsa de Chicago (EUA). Os preços da soja, do algodão e de muitos outros produtos viram moeda de especulação financeira, um processo brutal, que reforça a ideia de que comida é mercadoria. Ou, em inglês, commodities.

SEMICOLÔNIA

Monopolização e concentração fundiária

Atualmente, a expansão da agricultura capitalista nos países periféricos, como o Brasil, sob forte controle monopolista, se dedica cada vez mais à produção de commodities ao mercado mundial, em detrimento da produção de alimentos. Segundo o Censo do IBGE de 2006, 70% dos alimentos que chegam às casas brasileiras, como feijão, arroz, milho, leite, batata, mandioca, vêm de produções da agricultura camponesa familiar. Infelizmente, não foram realizados mais levantamentos sobre isso desde então.

Mas de acordo com o IBGE, em 50 anos (de 1974 a 2020), a área de cultivo de arroz no país encolheu 64%, mas a de soja cresceu 623% e já domina metade dos subsídios à agricultura. Enquanto 70% da produção é exportada, aqui ficam a devastação ambiental, a crise ali-

mentar e o desemprego. Ou seja, priorizar a soja significa ampliar as desigualdades brasileiras. Já a produção de feijão foi reduzida em 37%, 1,6 milhão de hectares a menos do que em 1974. No mesmo período, a população brasileira mais que dobrou.

ATAQUES AO MEIO AMBIENTE E ÀS POPULAÇÕES LOCAIS

Todo esse modelo de agricultura reforça a concentração fundiária. No Brasil, apenas 1% dos proprietários rurais controla 47% das terras agrícolas, parte de um processo que também provoca imensos impactos ambientais. Se, a curto prazo, a aplicação de novas técnicas aumenta a produtividade, ao mesmo tempo ela provoca grandes problemas ambientais, como a degradação dos

solos, a contaminação e o assoreamento (acúmulo de sedimentos e detritos) de rios, lagos e lençóis freáticos.

Por isso, o agronegócio precisa se expandir sempre, alargando a fronteira agrícola em busca de novas terras férteis e mais baratas. A consequência é a destruição de biomas inteiros, como, por exemplo, o Cerrado brasileiro ou o contínuo desmatamento da Amazônia, além da violência contra comunidades camponesas, quilombolas e indígenas.

Além disso, a expansão do agro sobre a Amazônia potencializa a crise climática e pode acabar com os “rios voadores”, diminuindo as chuvas em todo o Brasil e, inclusive, prejudicando a própria produção do agronegócio.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PPUBV](https://bit.ly/3PPUBV)

FAKE NEWS



As mentiras do bolsonarismo

Recentemente, Eduardo Bolsonaro escreveu numa rede social que “Lula não vai acabar com a fome no Brasil pelo simples fato que ele odeia o produtor agrícola”. Ou seja, para ele, o atual governo é inimigo do agronegócio que, supostamente, produz alimentos para a população. Contudo, como vimos acima, o agronegócio não produz comida alguma; mas, sim, commodities, e representa uma ameaça à soberania alimentar do país. Os Bolsonaro sempre foram aliados do agro e, por isso, afrouxaram as leis ambientais e incentivaram a invasão das Terras Indígenas.

Mas, é preciso dizer que Lula sempre fortaleceu e também foi um aliado do agronegócio. Prova disso é que o seu governo anunciou o Plano Safra 2023/2024, com R\$ 364,22 bilhões para o financiamento da agricultura e da pecuária empresarial no país – o maior financiamento da história. Enquanto isso, os preços dos alimentos nas gôndolas dos supermercados só sobem, comendo o rendimento das famílias mais pobres.

PROGRAMA

Expropriar o agronegócio para garantir alimento barato

É impossível resolver o problema da inflação dos alimentos sem encarar a estrutura agrária do país, que tem uma produção voltada para o lucro de latifundiários e multinacionais. Muito menos esta questão pode ser resolvida dando ainda

mais dinheiro para o agronegócio, que é justamente o maior responsável por essa situação.

Para garantir alimentos baratos e acessíveis à população é preciso expropriar o agronegócio. É necessário estatizar o latifúndio, fazendo

uma reforma agrária radical, que garanta créditos e subsídios à agricultura familiar, responsável por grande parte dos alimentos que chegam às mesas das famílias.

É preciso, também, expropriar o grande agronegócio, até

mesmo para que possamos garantir os estoques reguladores, retomar a Conab, mas de forma que ela realmente funcione, a fim de garantir o acesso aos alimentos em períodos de chuvas excessivas ou secas, fenômenos que tendem a ser cada

vez mais frequentes e graves, devido às mudanças climáticas causadas pelo capitalismo.

É, ainda, preciso acabar com esse modelo do agro que extermina florestas em prol da monocultura de exportação e para fazer pasto.

ENTREVISTA

“Vender a Avibras para um grupo australiano é atacar a soberania nacional”

Weller Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, defende a estatização empresa



DA REDAÇÃO

Está em fase avançada de negociação a venda da Avibras, principal indústria brasileira do setor de Defesa, para a empresa australiana DefendTex. O anúncio foi feito na última segunda-feira, dia 1º de abril.

Os trabalhadores da Avibras estão em uma mobilização histórica, que já dura dois anos, em defesa dos empregos e direitos. Os operários e operárias entraram no 12º mês de atraso nos salários. O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, filiado à CSP-Conlutas, é quem conduz essa luta e tem reivindicado a estatização da empresa, política defendida ainda sob governo de Bolsonaro e que segue, agora, no governo Lula.

O Opinião Socialista conversou com Weller Gonçalves, presidente do Sindicato e militante do PSTU, que ressaltou que a entidade sindical, “como legítima representante dos trabalhadores da Avibras, tem um posicionamento contrário à entrega de uma empresa brasileira estratégica para o capital estrangeiro”. Para ele, “vender a Avibras é atacar a soberania nacional” e, por isso, cobrou do presidente Lula (PT) a estatização da empresa.

OPINIÃO SOCIALISTA – COMO VOCÊ AVALIA A DIVULGAÇÃO DA NEGOCIAÇÃO DA VENDA DA AVIBRAS PARA O GRUPO AUSTRALIANO DEFENDTEX?

Weller Gonçalves – Aachamos que essa negociação está errada. O Sindicato



Weller Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região.

to, como legítimo representante dos trabalhadores da Avibras, tem um posicionamento contrário à entrega de uma empresa brasileira estratégica para o capital estrangeiro. Vender a Avibras é atacar a soberania nacional. A Avibras é uma das pioneiras, no Brasil, na construção de aeronaves, em programas de pesquisa espacial e no desenvolvimento e fabricação de veículos especiais para fins civis e militares. Por seu histórico, é considerada estratégica para as aspirações de uma nação que quer ser soberana.

POR QUE O BRASIL PERDE COM A VENDA DA AVIBRAS?

A Avibras está localizada na cidade de Jacareí, no Vale do Paraíba, e faz parte do principal centro de tecnologia aeroespacial do país. Ela foi fundada por um grupo de engenheiros do Insti-

“Vendê-la significa transferir toda essa produção, de alta tecnologia, para outro país. O Brasil perde e a classe trabalhadora, também”

tuto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em 1961. A empresa participa do Programa Espacial Brasileiro, com fabricação de motores para foguetes. Além disso, com a injeção de dinheiro público, desenvolveu capacidade de produção de armamentos e equipamentos bélicos, como mísseis, lançadores de foguetes, veículos blindados, bombas inteligentes, sistemas de comunicação por satélite e Veículos Aéreos Não Tripulados. Vendê-la significa transferir toda essa produção, de alta tecnologia, para outro país. O Brasil perde e a classe trabalhadora, também. Os maiores beneficiados serão a empresa australiana e o

atual presidente da Avibras, João Brasil, que detém 98% do controle acionário. Esse incentivo ao capital estrangeiro e às privatizações também prejudica a classe trabalhadora, basta ver o que aconteceu com empresas de caráter essencial para o país que foram desnacionalizadas e privatizadas, como a Vale do Rio Doce, a Eletrobras e a Embraer.

OS TRABALHADORES DA AVIBRAS TRAVAM UMA LUTA HISTÓRICA CONTRA O FECHAMENTO DA FÁBRICA, EM DEFESA DOS EMPREGOS E PELO PAGAMENTO DOS SALÁRIOS ATRASADOS. COMO FICA ESSA LUTA EM MEIO A ESSA NEGOCIAÇÃO DE VENDA EMPRESA?

A luta na Avibras continua. É uma luta em curso, uma resistência histórica dos trabalhadores e trabalhadoras, junto com o Sindicato. Nós reafirmamos a luta pela estatização da empresa como única saída para manter, em solo brasileiro, os empregos e o conhecimento acumulado. Porém, o que se viu foi a inércia do governo federal. Mas, ainda há tempo para mudar essa situação. É urgente que o governo estatize a Avibras. Enquanto isso não ocorre, segue a luta pelo pagamento de todos os salários em atraso e pela garantia dos empregos dos trabalhadores.

QUAL O SENTIMENTO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS QUANTO A NEGOCIAÇÃO DA VENDA DA AVIBRAS?

Nós compartilhamos da angústia dos trabalhadores e entendemos que a notícia da venda da empresa pode representar a esperança de receber os sa-

“A luta pela estatização da empresa como única saída para manter, em solo brasileiro, os empregos e o conhecimento acumulado”

lários. Porém, não há garantia de que os empregos serão preservados e não existe qualquer informação de que os salários serão pagos. Não podemos confiar nos empresários. Temos que seguir acreditando na nossa luta e na nossa organização e continuar com a campanha de cobrança ao governo Lula pela estatização da empresa.

COMO ESTÁ ESSA CAMPANHA? COMO TEM SIDO A POSTURA DO GOVERNO LULA?

O Sindicato tem enviado cartas, pedindo intervenção do governo federal, desde 2022. Mas nada foi feito para resolver a situação. De Jair Bolsonaro ao Lula, não houve sequer um plano emergencial de auxílio aos trabalhadores. Nós nos reunimos, em mais de uma oportunidade, com o Ministro da Defesa José Múcio Monteiro e o Vice-Presidente Geraldo Alckmin. Apesar de promessas de avaliação do caso, nenhuma medida efetiva foi adotada em favor dos operários da Avibras. Ao contrário, o governo federal chegou a comprar equipamentos de Defesa de conglomerados estrangeiros, desprezando a produção e a geração de empregos nacionais. Isso é um absurdo. Mas a nossa luta continua. Queremos uma Avibras brasileira, sob o controle dos trabalhadores.

LEIA NO SITE: [HTTPS://BIT.LY/3T0OFFE](https://bit.ly/3T0OFFE)

METALÚRGICOS

Não ao fechamento da fábrica da Toyota em Indaiatuba!

É inadmissível que, em meio ao anúncio de um investimento tão volumoso no país, a empresa feche uma fábrica na qual seria plenamente possível investir e dar continuidade às suas operações

**FRODO,
DE INDAIATUBA (SP)**

Na esteira das demais montadoras que vêm anunciando investimentos no país, a Toyota oficializou, neste dia 5 de março, um investimento, na planta de Sorocaba, num total de R\$ 11 bilhões até 2030, sendo os primeiros R\$ 5 bilhões até 2026.

Tanto o anúncio oficial quanto a maioria das matérias publicadas na grande imprensa e a repercussão dos governos estadual e federal, param por aí. No entanto, há uma informação importante sendo deixada de lado: o fechamento da

planta de Indaiatuba (SP). O anúncio foi um balde de água fria e um tapa na cara de todos e todas. Até agora, muitos têm a sensação de que isso se trata de uma piada de mau gosto. Mas, lamentavelmente, não é!

LUCROS BILIONÁRIOS PARA OS EMPRESÁRIOS E DESCASO COM OS TRABALHADORES

Em Indaiatuba, desde 1998, se produz o Corolla sedã, o modelo que detém 90% das vendas de sedãs médios no país. E dali, tam-

bém, saem as exportações para grande parte da América Latina. São bilhões de reais em lucros gerados todos os anos pelos 1500 trabalhadores e trabalhadoras que ali trabalham, utilizados, inclusive, para construir as plantas mais recentes da empresa (em Sorocaba e Porto Feliz, também em São Paulo).

É inadmissível que, em meio ao anúncio de um investimento tão volumoso no país, a empresa feche uma fábrica na qual seria plenamente possível investir e dar continuidade às suas operações. Tampouco pode-se confiar na informação de que os empregos serão garantidos, com uma transfe-

rência para Sorocaba, seja em função das diferenças salariais, seja por gastos que a empresa teria com o deslocamento de tanta gente. Sem falar no incômodo de perder mais algumas horas da vida com uma viagem de uma cidade a outra.

Sem falar nas tantas isenções de impostos que as grandes empresas tiveram ao longo desses anos por parte de todos os governos. Para a Toyota não foi diferente. É mais um exemplo de como os bilionários se aproveitam, ao máximo, da classe trabalhadora, adoecendo centenas, devido ao ritmo da produção, e, depois, descartando todo mundo.



Assembleia dos operários da Toyota de Indaiatuba contra o fechamento da fábrica.

VAI TER LUTA

Trabalhadores reagem ao fechamento



A forma como a empresa fez o anúncio e como tem repetido seus planos funciona como uma pressão sobre as trabalhadoras e os trabalhadores, como se fossem planos indestrutíveis de uma multinacional todo-poderosa. Assim, eles tentam obrigar todo mundo a se submeter, usando justificativas técnicas muito fracas, mas que, de fundo,

só servem para tentar encobrir a busca por ainda mais lucros do que o que já têm hoje em dia.

ASSEMBLEIA E ORGANIZAÇÃO DE BASE

Em assembleia com as trabalhadoras e os trabalhadores, no dia 6 de março, o Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região expôs a situação e

disse que não se pode aceitar tal postura da empresa. Com esse objetivo, foi colocada em votação a proposta de realização de uma grande campanha pelo não fechamento da planta, que foi aprovada pelas trabalhadoras e pelos trabalhadores. A cobrança será feita sobre os governos das três esferas, bem como sobre parlamentares. E a própria matriz, no Japão, será alvo da reivindicação.

Neste primeiro mês desde o anúncio, já foram realizadas assembleias na porta da fábrica e os trabalhadores também receberam algumas moções de apoio. A campanha ainda vai ser bastante ampliada, tanto na cidade quanto nos níveis estadual e federal e, também, em escala internacional. É preciso lutar até o fim pela reivindicação do que é o melhor para todas e todos que trabalham ali, que é a manutenção da fábrica em Indaiatuba.

LUTA COLETIVA E SOLIDARIEDADE

Para nós, esse é o caminho: organizar a luta de maneira coletiva, envolvendo o sindicato, os cipeiros e toda a peãozada, para dar visibilidade ao problema e ter condições de reverter a decisão. A Toyota jogou uma bomba no colo de todos e, agora, quer resolver o “problema” rapidamente.

Mesmo sendo uma situação tensa, que gera enorme ansiedade, é importante ter paciência. A pressa para tirar o atraso da produção é da empresa, não dos trabalhadores. Ela segue com o plano dela, e os trabalhadores devem seguir com o seu próprio plano.

A última quarta-feira, 3 de abril, foi um dia de protesto das trabalhadoras e dos trabalhadores na Toyota de Indaiatuba. O combustível foi a indignação pela situação gerada pela empresa e pela tentativa dela de forçar uma negociação

de PDV com valor considerado ridículo pelos trabalhadores. Segue a pressão sobre a empresa, com a mobilização interna e a campanha na cidade.

A solidariedade de toda a classe trabalhadora é crucial neste momento. Os movimentos, sindicatos etc. podem nos ajudar muito, através da divulgação da situação e do envio de moções, como já foi feito pela CSP-Conlutas, seus sindicatos e outras entidades.

Pedimos que entrem em contato com o sindicato, para pegar o modelo de moção e os e-mails para os quais ela deve ser enviadas. O PSTU está junto com a companheirada na linha de frente deste combate e chamamos todos os movimentos sociais, organizações e quem mais se dispuser a enfrentar a Toyota para que também estejam juntos.

**LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3POOM1G**

O QUE FAZER?

Governo Lula, bolsonarismo e as eleições em 2024

JÚLIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO

As eleições deste ano já estão em cena nas cidades pelo país. A fase atual de definição das pré-candidaturas é importante, pois as opções feitas por cada partido já demonstram o programa que irão defender. Apesar das eleições serem municipais, a polarização nacional entre Lula e Bolsonaro se expressará com força. Isso coloca grandes desafios para os revolucionários e socialistas.

AS FRENTES AMPLAS DO PT COM A BURGUESIA

Lula e o PT vêm impulsionando a construção de frentes amplas com todos os setores burgueses que não sejam bolsonaristas. No geral, se dá com o PT apoiando candidatos da direita tradicional ou encabeçando a chapa. Diante dos perigos que a ultradireita expressa, muitos ativistas de esquerda consideram essa política correta.

Contudo, depois de um ano do novo governo Lula, devemos nos perguntar à qual projeto de



Lula com o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, e os comandantes Tomás Paiva (Exército), Marcos Olsen (Marinha) e Marcelo Damasceno (Aeronáutica) - Ricardo Stuckert/Presidência da República.

sociedade este governo está servindo e se ele está ajudando no combate à ultradireita.

Na eleição, o discurso de Lula era de que sua vitória significaria melhorias na vida do povo. Mas, enquanto Lula comemora os índices econômicos que são exigidos pela burguesia, o povo vem sofrendo com a alta dos preços dos alimentos.

No campo político, o governo não enfrenta o bolsonarismo. Ao contrário, faz parcerias, como nas privatizações firmadas com Tarcísio de Freitas (Republicanos), governa-

dor de São Paulo. Assim como costura um acordão para restaurar a confiança nas Forças Armadas, após a tentativa golpista do "8J". Quando Lula diz para o povo esquecer o que foi o golpe militar de 1964, fica nítido o tamanho desse pacto reacionário.

Ao serem confrontados com isso, os petistas respondem que falta correlação de forças, que não há condições de fazer mais. Isso é verdade? Não há correlação de forças para um ato de descomemoração do golpe de 1964? Esse é o momento em

que as Forças Armadas estão na maior defensiva, desde o fim da ditadura.

LULA GOVERNA PARA OS BILIONÁRIOS CAPITALISTAS

O problema de Lula e do PT é que enfrentar o bolsonarismo, de verdade, significa ter que se enfrentar com suas políticas econômicas capitalistas. Implica em se indispor com outra ala da burguesia. Mas, o projeto político do PT – de se manter nos estreitos limites do sistema capitalista, respeitando e governando junto com todas as alas burguesas possíveis – o impede de, minimamente, se enfrentar até mesmo com Bolsonaro.

É um governo que não defende o enfrentamento de classe, em defesa dos direitos dos trabalhadores; mas, sim, o apaziguamento reacionário, nos marcos da confiança cega no regime democrático burguês e nas suas instituições, como o Supremo Tribunal Federal.

Para além da composição dos ministérios, cheios de partidos de direita, o governo Lula implementa uma política eco-

nômica e fiscal que favorece aos bilionários, aprofunda a decadência do país e avança na retirada de direitos dos trabalhadores.

DINHEIRO PARA OS PATRÕES, ATAQUES AOS TRABALHADORES

Os investimentos anunciados, longe de garantirem direitos, empregos e salários, funcionam como transferência de recursos públicos para as multinacionais. Só as montadoras recebem R\$ 20 bilhões por ano, em isenção fiscal, e não garantem empregos ou salários dignos.

Enquanto isso, o governo corta verbas da Educação e da Saúde, busca aprovar um projeto de lei que ataca os trabalhadores de aplicativos e, ainda, agrada às multinacionais do setor, já que não mexe em nada nos exorbitantes lucros dessas empresas.

O governo Lula não está numa encruzilhada como dizem alguns setores da esquerda. Por conta das suas políticas capitalistas e burguesas, ele é a encruzilhada.

PÉSSIMOS EXEMPLOS

Com o PSOL será diferente?

Em São Paulo, a Frente Ampla aparece diferente, com Boulos (PSOL) encabeçando a chapa e Marta Suplicy (PT) como vice. Isso gera certa expectativa em setores do ativismo de esquerda. Afinal, diante dos descaminhos do PT, seria o PSOL capaz de fazer diferente e apresentar uma alternativa que realmente enfrente a burguesia e o bolsonarismo?

EM BELÉM

Vejamos. Belém, capital do Pará, tem sido governada pelo PSOL nos últimos 4 anos, mas Edmilson Rodrigues não enfrentou os capitalistas na prefeitura e, hoje, goza de uma desaprovação recorde, de mais de 70% da popula-

ção, correndo seríssimo risco de perder a reeleição.

Lá, os empresários dos ônibus, do mercado imobiliário e demais setores capitalistas não viram nada mudar em seus lucros. A prefeitura do PSOL não implementou direitos básicos dos trabalhadores. Por exemplo, segue sem pagar o piso dos professores. Inclusive, os servidores públicos de Belém estão em greve nesse momento.

A CANDIDATURA DE BOULOS

Devemos nos perguntar se Boulos será capaz de propor a reestatização da ENEL (que vem deixando São Paulo no escuro toda hora) ou enfrentar a máfia dos transportes, que rouba a população com

tarifas caríssimas e um serviço péssimo. Não parece factível, diante dos acenos que faz aos empresários em jantares na Faria Lima (avenida símbolo do capital na cidade), nos quais anuncia que não irá demonizar o mercado.

Quando cobrado sobre a falta de apoio ao povo palestino, Boulos disse que não concorria à prefeitura de Tel Aviv, num claro escárnio diante do genocídio cometido por Israel. Não se trata apenas de uma escorregada; mas, sim, de um programa que não aponta para o enfrentamento necessário com os capitalistas.

Há setores no PSOL que criticam Boulos e o caminho que a direção desse partido



Boulos com Alexandre Giordano (MDB), empresário paulista e senador por SP, que foi suplente do Major Olímpio.

adota, cada vez mais próximo ao PT. Contudo, mesmo nas capitais onde esse setor crítico dirige o PSOL, a adesão ao PT

foi realizada. É o caso do Rio Grande do Sul, onde o PSOL apoiará a candidatura de Maria do Rosário (PT).

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

Derrotar o bolsonarismo é construir uma oposição de esquerda ao governo Lula

Como justificativa para apoiar o governo Lula e a aliança com a burguesia, setores da esquerda dizem que é preciso, primeiro, derrotar Bolsonaro. Evidentemente, o bolsonarismo é inimigo dos trabalhadores e é perigoso, em função de seu projeto de barbárie e autoritarismo.

Porém, é falso acreditar em uma conjuntura futura indefinida, onde tudo voltará à normalidade e o bolsonarismo não existirá mais, mesmo sob o capitalismo. Isso é não

entender que o “novo normal” é a existência do bolsonarismo, como expressão da degeneração do capitalismo. Seguirão existindo se não forem derrotados.

Para serem derrotados é preciso mudar as condições sociais, econômicas e políticas que dão base para que eles se criem e se alimentem. Se os capitalistas e esse sistema não forem derrotados, o bolsonarismo seguirá existindo.

Por isso, a palavra de ordem de “primeiro derrotar

Bolsonaro”, nessa situação, só serve para perpetuar uma esquerda que defende o capitalismo e a burguesia. Quando o que, de fato, precisamos é de uma esquerda que enfrente o capitalismo e a burguesia para derrotar o próprio bolsonarismo.

Isso só é possível sendo oposição de esquerda ao governo Lula. Uma oposição que se mantenha independente dos blocos burgueses em disputa e se enfrente com a oposição de ultradireita.

**DISPUTA IDEOLÓGICA CONTRA O CAPITALISMO**

A tarefa dos revolucionários e socialistas nas eleições

A ultradireita está disputando o povo, ideológica e programaticamente. Enquanto o PT faz propaganda do seu capitalismo supostamente inclusivo, com mais gastos públicos, como faz Biden, nos Estados Unidos, e um setor do imperialismo, que não resolve a desigualdade social, a violência urbana e todos os problemas graves do povo brasileiro.

95% do povo está cada vez mais pobre porque 1% de bilionários capitalistas está cada vez mais rico! Quando os trabalhadores reivindicam melhorias de salário, educação e saúde, os bilionários capitalistas e seus governos respondem que não há dinheiro, que não é possível aumentar os salários, pois isso pioraria a economia, e que é preciso cortar direitos para aumentar a produtividade. Enquanto isso, seguem levando os trilhões para as multinacionais, lá fora ou para os paraísos fiscais.

A burguesia já se mostrou incapaz de resolver os problemas do Brasil. Os trabalhadores e trabalhadoras precisam ter independência diante da burguesia, para tirar o poder e o

dinheiro dos bilionários. Se as reivindicações dos trabalhadores causam problemas às grandes multinacionais e aos lucros dos bilionários, então que essas empresas sejam tomadas pelos trabalhadores.

CANDIDATURAS E UM PROGRAMA DE OPOSIÇÃO DE ESQUERDA

Para garantir os direitos dos trabalhadores de aplicativos é preciso estatizar a UBER, a Ifood e demais empresas, colocá-las sob controle dos trabalhadores. Só assim seria possível garantir salários dignos e direitos, assim como baixar os preços para os usuários, reduzir a margem de lucros que hoje vão para os seus donos e acionistas bilionários.

Não existirá crescimento econômico que beneficie os trabalhadores, ou desenvolvimento capaz de resolver as mazelas sociais, ou industrialização de verdade que coloque o país em outro patamar, se não estatizarmos as 250 maiores empresas.

Por isso, a tarefa dos revolucionários e socialistas nas elei-

Altino Prazeres, pré-candidato do PSTU a prefeitura de SP.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/49IZWLG](https://bit.ly/49IzWLG)

ções é apresentar e defender um programa socialista e revolucionário, que reivindique um governo dos trabalhadores, sem patrões, contra o projeto do governo Lula e do PT, que seguem governando para os ricos, como também contra o projeto bolsonarista, baseado em mentiras, propaganda das ideologias burguesas e alimentadoras de opressões e preconceitos.

Só assim será possível garantir emprego, salário, educação, saúde, moradia, saneamento básico para o povo. Assim como garantir os direi-

tos dos povos originários, dos negros, mulheres e LGBTI+.

LUTAR PELO SOCIALISMO

Esse programa deve se desdobrar e se concretizar em cada cidade do Brasil, de modo que a eleição sirva para disputarmos os trabalhadores e trabalhadoras. Pois, ao contrário do que diz Bolsonaro, o problema do Brasil não é falta de capitalismo ou a falta de apoio ao agronegócio. O problema é justamente que muda regime, mudam governos e os interesse dos

capitalistas, de uma forma ou de outra, seguem reinando.

A saída é defender outro tipo de sociedade, onde não exista exploração e opressão. Isso é o que significa lutar pelo socialismo.

Você pode ajudar, construindo e apoiando as candidaturas revolucionárias e socialistas do PSTU. O partido já lançou vários pré-candidatos em diversas cidades. Venha construir conosco essas candidaturas, um programa socialista e uma saída estratégica para os trabalhadores.

PALESTINA

Isolamento internacional de Israel se aprofunda em meio a genocídio

SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)

Com a brutalidade do genocídio em Gaza, que já dura cerca de seis meses, caíram as máscaras do Estado racista de Israel e seus aliados. E a cara revelada é tenebrosa. Isso tem levado a crises sem precedentes entre o decadente imperialismo dos Estados Unidos e seu enclave militar (Israel), que enfrenta crescente isolamento internacional.

Protestos gigantescos e incessantes tomam o mundo. No coração do imperialismo – os EUA – eles têm provocado abalos importantes, muito embora não ao ponto de os Estados Unidos cessarem a ajuda bilionária, em armas, para Israel seguir com o genocídio, ou a retórica a favor de seu enclave militar.

Isto tudo por razões óbvias: quanto mais ameaçado seu projeto colonial, mais brutal ele se torna, para tentar sobreviver. E se for derrotado, os interesses do imperialismo na região rica em petróleo estarão ameaçados.



Carro usado pelo grupo de ajuda mundial World Central Kitchen foi atingido por um ataque israelense na Faixa de Gaza em 2 de abril. Sete trabalhadores que entregavam marmitas aos palestinos morreram.

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU

Mas a crise é tanta que obrigou os EUA a se absterem no Conselho de Segurança das Nações Unidas e permitirem que uma resolução de cessar-fogo em Gaza passasse, no dia 25 de março último. Todos os outros 14 países votaram a favor.

Depois disto, Netanyahu cancelou uma visita aos EUA, evidenciando a crise aberta entre o monstro e seu criador. Não pelas vidas palestinas,

mas pelos cálculos políticos de um e de outro. Netanyahu sabe que, se parar o genocídio, cairá imediatamente e possivelmente será preso.

CRIMES CONTRA A HUMANIDADE

Logicamente, a resolução de cessar-fogo não impediu que Israel seguisse com as atrocidades. Mas, é mais um elemento de pressão e denúncia, ao lado do desrespeito sionista às medidas determinadas pela Corte Internacio-

nal de Justiça, ao considerar plausível a ação movida pela África do Sul, pelo crime de genocídio, contra Israel.

Ação está que teve o apoio de 70 países, dentre os quais o Brasil. E sem passos efetivos para parar o genocídio, estes que são signatários da Convenção de Repressão e Prevenção do Genocídio, também são pressionados, uma vez que podem ser responsabilizados pelo crime contra a humanidade. Já estão sendo, nas ruas.

LULA, ROMPA COM ISRAEL!

No Brasil, a exigência de ruptura de relações com o Estado sionista se eleva. A demanda do movimento de solidariedade é que Lula dê esse passo fundamental, sendo coerente com seu reconhecimento de que milhões de palestinos em Gaza estão submetidos a um genocídio.

Lamentavelmente, contudo, o Brasil está bem distante disso. Além de manter a posição vergonhosa de quinto maior importador de tecnologia militar israelense, a Força Aérea Brasileira anunciou novo contrato, sem licitação, com a “Israel Aerospace Industries” (indústria aeroespacial israelense) para manutenção e fornecimento de peças aos veículos aéreos não tripulados adquiridos pelo Brasil, da mesma empresa, em 2009, durante o segundo governo Lula.

Esses drones, que carregam até 490 kg, estão implicados em todos os massacres a Gaza e no genocídio atual.

FÚRIA

Na Jordânia, Embaixada foi cercada



Protestos no Egito pela Palestina

Também os regimes árabes enfrentam a pressão crescente das ruas. A estabilidade na região está ameaçada. Em Amman, capital da Jordânia, já são mais de oito dias de protestos gigantescos

em um cerco à Embaixada de Israel, para exigir da monarquia o fim do “acordo de paz” com o Estado sionista, firmado em 1994. Uma das manifestações reuniu milhares de mulheres.

O regime, no entanto, não tomou outras medidas efetivas contra o Estado sionista. E, ainda, tem respondido com repressão aos protestos. A história mostra que isso tem potencial para explosão

social. Ainda mais nesse país árabe, em que 70% da população é de origem palestina.

REPRESSÃO PODE DETONAR EXPLOÇÃO SOCIAL

Segundo a ONG de direitos humanos “Human Rights Watch”, ali, desde o começo de outubro de 2023, centenas de pessoas já foram presas por se manifestarem contra o genocídio. As prisões se dão a partir de uma lei repressiva contra “crimes cibernéticos”, aprovada em agosto do ano passado.

Muitas das detenções ocorreram após manifestantes postarem imagens de sua participação nos protestos nas redes sociais. Isso, contudo, não tem intimidado a

revolta contra a carnificina em Gaza. Agora, o protesto se volta contra o próprio regime, exigindo o fechamento da Embaixada e o fim da normalização com Israel.

Na tentativa de conter a crise, o regime jordaniano endureceu o discurso em relação a Israel e chegou a retirar seu embaixador de Tel Aviv. Mas, na verdade, como aponta reportagem do portal “Business Standard”, a Jordânia chegou a votar contra o corte de relações com Israel em um encontro da Liga Árabe, no mês de novembro, ao lado de Egito, Arábia Saudita, Marrocos, Sudão, Emirados Árabes Unidos e Bahrein. A eles se juntaram, ainda, a Mauritânia e Djibuti.

EGITO

Protestos contra uma ditadura que colabora com Israel



Mais de 10 mil crianças palestinas assassinadas por Israel.

O Egito foi o primeiro país da região a normalizar as relações com Israel, em 1979, como desdobramento dos Acordos de Camp David (EUA), através dos quais o Estado sionista devolveu o Sinai ao país árabe. Israel também havia ocupado o Sinai militarmente, em 1967, juntamente com os territórios palestinos de Gaza, Cisjordânia e Jerusalém Oriental, e as Colinas de Golã, na Síria.

A população egípcia tem denunciado essa complici-

dade e desafiado o medo da repressão nesse país, onde, na onda das revoluções que marcaram a região, a partir do final de 2010, se chegou a derrubar o ditador Hosni Mubarak, mas outro tirano, o general al-Sissi, ainda mais brutal, retomou o poder.

Num ato em frente ao Sindicato dos Jornalistas do Cairo, em 29 de março, a denúncia dos inimigos da causa palestina foi feita abertamente por meio de jogral: “Nossos líderes, covardes! Sionistas

são nossos inimigos! Eles batem e estupram nossas mulheres! Nossos líderes, em sua corrupção! Eles estupram as mulheres da Palestina! Oh, líderes da desgraça! Onde estão sua honra e nobreza? Onde estão sua honra e dignidade? (...). Oh líderes da desgraça, não queremos seu dinheiro. Amanhã o povo egípcio vai esmagar vocês! (...) Amanhã o povo árabe vai esmagar vocês!”

A REVOLTA CONTRA A “ARMA DA FOME” ISRAELENSE

Também tem havido protestos na fronteira com Gaza e ações voluntárias para tentar fornecer alguma ajuda humanitária aos palestinos encarcerados na estreita faixa. Muitos egípcios estão revoltados com o cerco imposto, enquanto os palestinos são trucidados e passam fome.

Ajuda humanitária apodrece na fronteira, enquanto a insegurança alimentar aguda ameaça toda a população de Gaza: 2,4 milhões

de pessoas. Todos os dias, cenas de crianças esqueléticas, lutando pela vida, nos chocam nos noticiários. A “arma da fome” israelense já matou cerca de 30 palestinos, dentre os quais aproximadamente 25 crianças.

Sob o título “O Egito traiu os palestinos em um momento de maior necessidade”, um artigo publicado, em 31 de março, no “Truthout” um portal independente de notícias, nos EUA, destacou: “Mais do que outras nações árabes, o Egito tem uma responsabilidade histórica, política e humanitária, para com os palestinos em Gaza. Afinal, é o único país árabe que partilha fronteiras com Gaza, enquanto a sua população sofre com guerra, fome e genocídio”.

“Não é de surpreender, porém, que a relação do Egito com Gaza não seja simples. O Egito demonstrou solidariedade retórica com os palestinos, mas agiu simultaneamente em cumplicidade

com os EUA, Israel e outros autocratas árabes nas suas campanhas contra os palestinos. Os líderes egípcios fazem declarações constantes sobre a fome e a crise humanitária em Gaza, embora não tomem medidas radicais para praticar esta solidariedade.”, concluiu o artigo.

Apesar da retórica de que a fronteira em Rafah está permanentemente aberta, o controle israelense para entrada ou saída, seja de mercadorias ou pessoas, é rígido. E, durante o genocídio, o Egito reforçou a cerca que separa Gaza. Quem tenta atravessar a fronteira precisa pagar propinas que variam de cinco até 12 mil dólares.

Reportagens ainda dão conta de que há até uma empresa responsável por receber o pagamento, a “Hala Consulting and Tourism”, de propriedade de Ibrahim al-Arjani, um miliciano pró-regime egípcio e próximo do clã al-Sissi, com vínculos com os militares.

MAIS PROTESTOS



Fúria contra o sionismo

Em outros países do Oriente Médio e Norte da África, os protestos também estão crescendo, como no Iraque, Bahrein, Líbano, Marrocos e Tunísia, onde, há alguns meses, houve tentativa de invadir a Embaixada da França. Já no Iêmen, que tem bloqueado a passagem de navios no Mar Vermelho desde o início do genocídio, os protestos que tomam as ruas não cessam.

Até mesmo nos Emirados Árabes Unidos, onde a po-

pulação não ousa ir para às ruas e cujo regime não tem qualquer constrangimento em manter a normalização com Israel a partir dos chamados Acordos de Abraão, em 2020, têm havido vozes dissonantes e internamente as tensões têm crescido.

O plano de normalização das relações da Arábia Saudita com Israel, que estava sob a mesa até 7 de outubro de 2023, também enfrenta dificuldades para ser concretizado nesse cenário.

PARA QUE TODOS SEJAM LIVRES

Lutar contra o genocídio é lutar pela humanidade



Estados cúmplices em todo o mundo também têm sido chacoalhados por protestos gigantescos e incansáveis, bem como denúncias que não cessam, a partir da resistência palestina.

Essa resistência heroica e histórica do povo palestino, sob todos os meios, é inspiração para os oprimidos e explorados. Não esmorece, não se dobra, não permite que se normalize, esqueça ou ignore o genocídio, como parte da nova fase da contínua Nakba – a catástrofe palestina, cuja pedra fundamental é a formação do Estado racista e colonial de Israel em 15 de maio de 1948.

Uma nova fase na qual o regime sionista se sentiu avalizado pela cumplicidade internacional histórica e os bilhões de dólares do imperialismo estadunidense, além das armas dos imperialismos europeus, a buscar sua “solução final”: erradicar os palestinos. Mas esse

passo derrubou sua máscara. Como afirma o historiador israelense Ilan Pappé, é o início do fim do regime sionista.

A resistência palestina recolheu, definitivamente, a causa palestina na pauta das grandes mobilizações do século 21, demonstrando que essa é a luta central da humanidade, a luta dos oprimidos e explorados, em todo o mundo, para que todos sejam livres. A tarefa da solidariedade internacional é acelerar e aprofundar o isolamento sionista, exigindo o fim de toda cumplicidade.

Infelizmente, o sacrifício é gigantesco, mas o povo palestino – em sua firmeza, persistência e resiliência, como parte da resistência (“sumud”, em árabe) – se recusa a ser apagado do mapa. E não será. Até a Palestina ser livre, do rio ao mar.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3VKUVZH](https://bit.ly/3VKUVZH)

ARROCHO

Servidores federais estão em luta contra o ajuste fiscal do governo Lula

SÉRGIO RIBEIRO,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

O governo vem comemorando os resultados fiscais, afirmando que conseguirão zerar o déficit fiscal. O que não contam é como estão fazendo isso. Parte fundamental do projeto é o arrocho salarial que está sendo imposto aos servidores públicos.

É a manutenção de uma política perversa, que privilegia o pagamento do sistema da dívida pública e garante enormes isenções tributárias aos grandes grupos empresariais. O novo Arcabouço Fiscal é a forma como o governo Lula implementa essa política capitalista.

Ao invés de tirar dos trabalhadores e aposentados, o governo deveria tirar dos bilionários capitalistas, que lucram à custa do suor da classe trabalhadora.

CONTRARIANDO AS EXPECTATIVAS DOS SERVIDORES, GOVERNO PREPARA NOVOS ATAQUES

Em 2023, o pagamento da dívida pública consumiu R\$ 1,886 trilhão do orçamento federal, ou R\$ 5,2 bilhões por dia. Com o valor gasto em apenas três dias com o pagamento da dívida, seria possível garantir 10% de reajuste salarial linear aos servidores federais e, ainda, conceder o reajuste dos benefícios, conforme a proposta do próprio governo.

O governo também não pode alegar falta de recursos. Em janeiro deste ano, a arrecadação bateu recorde, chegando R\$ 280,6 bilhões.

Muitos servidores federais tinham expectativas com o governo Lula. Acreditavam que iriam recompor as perdas salariais. Ao invés disso, Lula está preparando uma Reforma



Paralisação de servidores públicos federais no dia 3 de abril.

Administrativa, em acordo com o presidente da Câmara Arthur Lira, para retirar direitos dos servidores e ampliar a terceirização no serviço público.

A Ministra da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, Esther Dwek, já declarou publicamente que quer enxugar as car-

reiras do serviço público federal, através de uma nova proposta de Reforma Administrativa.

Esta medida implicaria em reduzir os salários iniciais dos novos servidores públicos; abrir a possibilidade de contratações de servidores por regime celetista, ao invés de fazê-las

pelo Regime Jurídico Único; e ampliar os prazos e possibilidades de contratação de servidores em regime de contrato temporário.

Barrar a Reforma Administrativa faz parte da pauta dos servidores, além do “Revogação”: a revogação das reformas da Previdência e do Novo Ensino Médio (NEM).

0% É DEBOCHE

Cresce a greve dos servidores públicos federais



Servidores federais Em luta contra o ajuste fiscal do governo Lula

Não conceder reajuste salarial aos servidores públicos federais em 2024 fez com que diversas categorias de servidores públicos iniciassem um processo de mobilização e greves.

Por exemplo, o piso salarial de um técnico da rede federal de ensino é de R\$ 1.446,12, pouco acima do salário mínimo de R\$ 1.412. No Colégio Pedro II, os docentes com jornada de 40 horas, sem dedicação exclusiva, recebem

um complemento para seus salários serem equiparados ao piso nacional do magistério, de R\$ 4.580.

Desde o dia 11 de março, a Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-Administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas (Fasubra) deu a partida no processo de greve e o Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica

(Sinasefe), aprovou em sua plenária, por unanimidade, uma greve a partir do dia 3 de abril. A Fasubra representa os servidores técnicos administrativos (TAEs) das universidades. O Sinasefe representa os professores e técnicos de colégios e institutos federais.

A partir de 15 de abril, o governo Lula ainda deve se preparar com a entrada em greve dos professores universitários, representados pelo Andes. Ou

seja, uma greve geral de professores e técnicos, que tende a paralisar todo o sistema federal de ensino. Destaca-se a radicalização dos técnicos administrativos, que recebem os piores salários dentre os servidores do Executivo federal.

UM MOVIMENTO GREVISTA EM DEFESA DOS SERVIÇOS PÚBLICOS E DA EDUCAÇÃO

A rede federal de ensino inclui universidades federais, institutos federais de educação – que oferecem ensino médio, técnico e até superior – e colégios federais, como o Pedro II, do Rio de Janeiro. Trabalhadores na ativa e aposentados dessas instituições somam cerca de 400 mil pessoas. Correspondem, portanto, a cerca de um terço de todo efetivo de servidores federais, considerando os ativos e os aposentados.

Os servidores estão mobilizados por quatro pautas em comum: a reposição de perdas

salariais acumuladas, reestruturação dos planos de carreiras, mais investimentos nas instituições e a realização de concursos para contratação de mais trabalhadores. A resposta do governo Lula foi um reajuste de 9%, em 2023, para todos os servidores federais, o que não repôs a inflação acumulada durante anos sem aumentos.

Neste momento, é preciso intensificar o processo de mobilização das bases para construir uma greve nacional unificada da Educação Federal e dos servidores federais. As direções das entidades e centrais precisam se jogar na construção desse processo, que inclui uma grande marcha a Brasília, na segunda quinzena de abril, como foi aprovado no Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais (Fonasefe).

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/4AGQBVL](https://bit.ly/4AGQBVL)